

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES AFRODESCENDENTES: LUGARES, ENTRE-LUGARES E PRECONCEITO RACIAL EM *VENCIDOS E DEGENERADOS*, DE NASCIMENTO MORAES

THE CONSTRUCTION OF AFRODESCENDENT IDENTITIES: PLACES, BETWEEN-PLACES AND RACIAL PREJUDICE IN *VENCIDOS E DEGENERADOS*, BY NASCIMENTO MORAES

Ana Carusa Pires Araujo *

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo sobre as identidades afrodescendentes, com o objetivo de mapear lugares, entre-lugares da afrodescendência, e também, a denúncia contra o preconceito racial e a reafirmação do papel do negro na sociedade retratada no romance-crônica *Vencidos e degenerados*, do autor afro-maranhense Nascimento Moraes, publicado em 1915. O processo de construção de identidades afrodescendentes surge do cotidiano em que os sujeitos negros estão inseridos, espaços que são marcados pela esperança de dias melhores, por uma sociedade igual entre negros e brancos e por uma valorização dos afrodescendentes, marcados por disputas, preconceitos e discriminações. Focalizamos alguns episódios da narrativa por evidenciar a construção e afirmação da identidade, com base nos estudos de Bhabha (1998); Du Bois (1999); Duarte (2013); Fanon (2008); Hall (2011).

Palavras-chave: Identidade. Literatura afro-brasileira. Lugares. Entre-lugares. Preconceito racial.

Abstract: This article presents a study on Afro-descendant identities, aiming to map places, between-places of Afrodescendence, as well as the denunciation against racial prejudice and the reaffirmation of the black's role in society portrayed in the novel *Vencidos e degenerados* by the Afro-Maranhão author Nascimento Moraes, published in 1915. The process of building Afro-descendant identities arises from the daily life in which black subjects are inserted, spaces that are marked by the hope of better days, by an equal society among black people and white people, and by an appreciation of Afro-descendants, marked by disputes, prejudices and discrimination. We focus on some episodes of the narrative for evidencing the construction and affirmation of identity, based on the studies of Bhabha (1998); Du Bois (1999); Duarte (2013); Fanon (2008); Hall (2011).

Keywords: Identity. Afro-Brazilian Literature. Places. Between-places. Racial prejudice.

Palavras iniciais

* Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: anacarusa15@gmail.com

O romance *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes, exprime a conjuntura social e política do Maranhão no final do século XIX e início do século XX, “evidenciando a sua preocupação em descrever o cotidiano da sociedade maranhense, principalmente no que diz respeito ao povo simples, aos humildes, aos perseguidos, aos miseráveis, aos vencidos e aos degenerados” (CARDOSO, 2013, p. 119). Os caminhos iniciais da obra remontam ao acontecimento histórico da Abolição da escravatura. A grande festa em comemoração à libertação dos escravos é narrada com riqueza de detalhes, descrevendo cenas de uma cidade cuja população é majoritariamente composta por homens e mulheres negras. População essa que se deixa levar pelo deslumbramento da notícia da Abolição, causando inusitados sentimentos e reações aos ex-escravos, que se libertavam das violências cometidas pelos seus ex-senhores.

Considerado “um dos textos que trata da saga do negro e de seus descendentes” (SANTOS, 2011, p. 312), *Vencidos e degenerados* é uma obra de grande relevância para os estudos afro-brasileiros. O romance apresenta conteúdo com marcas da trajetória literária de Nascimento Moraes, sua raça e o desejo de viver numa sociedade menos desigual, sempre polemizando os vários problemas existentes nela. “Escrita no começo de sua carreira, já era uma afirmação de esplêndido talento, do aticismo e da leve ironia que identificamos em toda a obra do velho e saudoso mestre” (SARNEY, 2000, s/p).

É uma obra que nos possibilita numerosas leituras. Entre tantas, escolhemos para este artigo os caminhos percorridos pela identidade que, para Hall (2011), não é fixa e está sujeita a mudanças. A partir desse olhar, observamos que as vivências dos personagens negros, no romance, são protagonizadas, colocando o negro no centro da narrativa. Ademais, a obra reflete, também, a realidade que os afrodescendentes viviam na sociedade maranhense, completa de preconceitos e discriminações, com isso, tem-se personagens engajados, preocupados com os problemas sociais, como é o caso dos personagens centrais da narrativa, João Olivier e Cláudio Olivier, homens das letras que buscam seu reconhecimento naquele ambiente hostil, onde foram relegados, discriminados e perseguidos.

Identities afrodescendentes: lugares e entre-lugares e preconceito racial

O estudo da obra de Nascimento Moraes justifica-se, particularmente, pelo seu valor literário e pela afirmação da tradição da literatura afrodescendente. Escrita esta que se reporta às experiências sociais e aos fatos históricos vivenciados pelos africanos escravizados e seus descendentes em diásporas nas Américas. No romance *Vencidos e degenerados*, dir-se-ia que essa narrativa romanesca se articula e bebe num dos ramos temáticos e estéticos da literatura negra, cuja gênese remonta à narrativa ou relato de testemunho individual e coletivo de autores negros que viveram a experiência da escravidão no Brasil. Daí porque se justifica o próprio subtítulo da obra em estudo, intitulada “Crônica maranhense”. Esse viés da narrativa põe-nos em frente às cenas narradas a partir da crônica histórica, relacionada ao dia da Abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, cujo espaço geográfico onde transcorre a ação romanesca é São Luís do Maranhão.

Surgem os personagens José Maria Maranhense, “mulato, mais baixo que alto, e careca. Contava quarenta e tantos anos, grisalho, gordo e simpático” (MORAES, 2000, p. 32); João Olivier, o “ilustradíssimo causeur”, com sua brilhante oratória; Olímpio Santos e Domingos Aranha, escravos libertos que celebram a grande data na quitanda do português João Machado, mas conhecido por Paletó Queimado. Outra figura importante é Zé Catraia, que se libertara naquele dia, era “o mais popular de todos os populares, o mais inteligente e o mais saboreador de cana, conhecido sem rival em todas as bodegas e em todos os troços da cidade” (MORAES, 2000, p. 44).

Dentre os vários abolicionistas, destaca-se João Olivier, guarda-livros muito estimado e cronista admirável pela sua escrita irreverente. Ele teve fundamental importância nas questões que envolvem a sociedade, ocupando o lugar de porta-voz dos menos favorecidos. Depois da Abolição e da Proclamação percebe-se uma grande angústia e decepção de Olivier quanto aos acontecimentos históricos ocorridos no final do século XIX. Pensava ele que, com a liberdade dos negros e uma vez proclamada a República, aquela sociedade se libertaria dos preconceitos.

Outro personagem que merece destaque é Cláudio Olivier, filho biológico dos ex-escravos Domingos Aranha e Andreza Vidal, segue os ensinamentos do pai adotivo, João Olivier, e desde cedo tomou gosto pelas letras. A vontade de João era torná-lo um

“homem destemido”, que vencesse os preconceitos contra sua etnia e classe social. E assim se tornou um homem corajoso e brioso, “apesar da perseguição que lhe movem despeitados e da má vontade que constantemente se manifesta contra ele, da parte dos professores, a princípio, e depois, por imitação, da parte dos colegas” (MORAES, 2000, p. 87).

Na obra em estudo, o 13 de maio é marcado pela espera da notícia que libertaria os negros da situação de escravidão. E, é na residência do abolicionista José Maria Maranhense, que um grupo de abolicionistas e outras pessoas de várias classes sociais estavam reunidas, esperando a gloriosa informação da libertação dos cativos. Nesse sentido, ali se tornara um lugar de encruzilhadas, trânsito ou entre-lugar. Bhabha afirma que os “entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação [...] que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). Em meio àquela movimentação dos envolvidos com a questão da Abolição, indaga-se o modelo de identidade fixa e promove sujeitos com várias posições no lugar em que se encontra, tornando-os fragmentados (BHABHA, 1998). Hanciau, em seu ensaio *Entre-lugar* (2010) faz uma releitura de Bhabha e reforça a ideia do ensaísta indiano:

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” enquanto categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – raça, gênero, geração, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e crucial no terreno político é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais para focalizar os momentos ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais (HANCIAU, 2010, p. 138).

Isso reafirma o que Bhabha (1998) chama de “lugar intersticial”, visto como “um entre-lugar que o engloba e o ultrapassa” (HANCIAU, 2010, p. 138), possibilitando uma fronteira de tornar o negro visível, reconhecendo o direito social de ser livre, pois era esse o motivo da luta abolicionista. João Olivier era um jornalista engajado à Abolição da escravatura e preocupado com o destino dos libertos. A movimentação dentro e nas

imediações da casa do abolicionista Maranhense favorecia um ambiente de trânsito, “em que espaço e tempo, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade” (HANCIAU, 2010, p. 136). Isso se manifesta em tom de êxtase através dos libertos e abolicionistas: “populares comentavam os boatos e notavam os que entravam e os saíam daquela formidável assembleia em que se reuniam tão variados elementos” (MORAES, 2000, p. 28). Olivier observava os comportamentos dos indivíduos que estavam na sala de casa de Maranhense: “uns formavam pequenos grupos e conservavam sobre os últimos acontecimentos relativos à liberdade dos escravos; outros, agitados, a fumar, passeavam pelas salas, trocando palavras aqui e ali” (MORAES, 2000, p. 29). Assim, a identidade cultural continua em trânsito, movendo na encruzilhada diferentes tempos e lugares. (SOUZA, 2006).

A casa de Maranhense é um lugar de construção identitária, onde negros, ex-escravos, abolicionistas e outros envolvidos carregam sentimento de solidariedade com a causa da libertação. É sob uma atmosfera de festividades, de solidariedade, de reconhecimento, de afirmação de identidades e de construção de autoestima que a população afrodescendente celebra o momento em que de fato se deu a libertação dos cativos. Saíram eufóricos pelas ruas da cidade de São Luís, onde se viam homens, mulheres, escravos, libertos, abolicionistas e simpatizantes, a gritar, comemorando a libertação dos escravos e utilizando palavras imorais, revidavam todas as retaliações sofridas pelos seus senhores.

Eram cinco horas da tarde e a cidade fulgia de delírio, ardia na febre ruidosa e empolgante de sugestionadora alegria. Pelas ruas cruzavam-se grupos e grupos de escravos, a gritar, loucos de satisfação; outros berravam obscenidades que, como pedradas, iam bater nas janelas dos escravocratas: insultos soezes, ofensas terríveis, contra a família dos ex-senhores que, temendo violências físicas, fechavam as portas, apenas acabavam de sair os últimos libertos (MORAES, 2000, p. 35).

Todos os envolvidos naquela manifestação comemoravam com grande exaltação e satisfação o que representou o dia 13 de maio para os escravos. Mas, logo depois da Abolição da escravatura e da Proclamação de República, Olivier observa que

pouca coisa havia mudado naquela sociedade, principalmente, para os homens e mulheres negras. Sobre esse fato, Du Bois utiliza a metáfora da “terrível sombra do Véu” (DU BOIS, 1999, p. 53), afirmando que os negros continuavam aprisionados a velhas práticas de preconceito racial, sendo discriminados e perseguidos.

João Olivier decidiu que iria partir para Belém, lugar que poderia lhe dar reconhecimento pelo seu trabalho e ajudar no sustento de sua família. Lá foi bem recebido, “seu nome era sobejamente conhecido. Foi-lhe fácil obter um emprego com comércio, com avultado ordenado e colocação na imprensa oposicionista que lhe pagava a colaboração” (MORAES, 2000, p. 99). Diferente de sua terra natal, que não dera oportunidade, Belém lhe acolhera satisfatoriamente.

De lá mandava cartas conselheiras a seu filho, Cláudio Olivier, desejando que fosse um homem que trabalhasse “em benefício de sua raça”. Estimula-o na luta pelo seu povo em prol da constituição de sua identidade, que está sujeita a constantes mudanças (HALL, 2011), não possuía uma solidez infinda, pois as identidades estão em frequente trânsito, vindas de diversas formas. A favor disso, Olivier assume a sua identidade étnico-racial, o autorreconhecimento de sua cor negra, sua origem e deseja que seu filho siga seus passos:

Eu estou criando um homem de luta. Para trabalhar com vigor em benefício de sua raça, é que eu o estou preparando. Um homem que tenha alguma coisa de leão é o que estou preparando. Instruo um cérebro e educo um coração. Cérebro que pense nos altos problemas de sua terra e de seu povo, coração que saiba amar e odiar, amar o bom e odiar o mau. [...]

– Quero o Cláudio um homem destemido, e não um bacharel qualquer, forrado para resistir a insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos; um polemista terrível que faça uma época e traga com a lâmina cortante de sua prosa, que há de ser castiça e fulgurante, o pelo desses animais que nos maltratam. Se me educassem polemista, outros galos me cantariam, e esse pessoal ruim passaria bem devagar nas minhas mãos (MORAES, 2000, p. 91-92).

Aspira que o filho torne-se um homem digno e corajoso e assim o fez. Deste modo, Cláudio toma gosto pelas letras e “seguia admiravelmente as pegadas de Olivier de quem lia, sempre que podia, os escritos” (MORAES, 2000, p. 103). E foi com os

conselhos de seu pai, que Cláudio resolve alegrar o cenário literário de São Luís, fazendo ressurgir as letras maranhenses:

Fundara com alguns moços que lhes eram afeiçoados uma associação literária, sob os auspícios de Gonçalves Dias. E, como houvesse marasmo literário no Maranhão, dormindo as letras de sono condenador, depois de tantas lutas, e tanta atividade, o Grêmio Gonçalves Dias foi uma nota saliente na vida pacata de São Luís. Choveram as chufas, os doestos sobre o Grêmio, o ridículo distendeu suas malhas para prender nelas os seus membros. A fundação do Grêmio foi o assunto predileto das rodas; falava-se nele nos bailes e nas tavernas, falavam grandes e pequenos; e ainda mais se falou, quando a diretoria do Grêmio, reunida, visitou as redações dos dois jornais diários da capital, comunicando-lhes que tinha ficado resolvido em sessão, que em todas as reuniões ordinárias do Grêmio cada sócio defenderia uma tese, que seria tirada à sorte na sessão anterior (MORAES, 2000, p. 103).

A fundação do Grêmio lhe trouxe muita glória, era o assunto do momento, que percorria todos os cantos da cidade. Era o que se comentava. As críticas começaram a aparecer e o “mais alçado das pedradas era o Cláudio, o presidente do Grêmio”, mas ele não se importava com os insultos e as reprovações. E proclamava: “– Deixá-los lá... Prossigamos com a nossa ideia, unamos os nossos esforços é que é. Assim é que devemos responder aos insultos que nos atiram. É a inveja que ascende as suas fogueiras. Tenhamos força para o sacrifício” (MORAES, 2000, p. 104). Cláudio reagia e enfrentava o preconceito e a discriminação que sofrera devido a sua origem, representando a resistência do povo negro em lutar por espaços sociais.

A falta de reconhecimento pelo que os jovens do Grêmio Gonçalves Dias fizeram, a triste cena literária que existia em São Luís, fez com que esse reconhecimento viesse de fora, de outros estados, menos do Maranhão:

Os gremistas fecharam os ouvidos ao falar mal e continuaram a secundar esforços. Saiu o segundo número, o terceiro, o quarto. Os jornais da terra que não souberam estimular os nóveis intelectuais que, com tanto ardor, se entregavam às pugnas das letras, tiveram de envergonhar-se com os elogios que chegavam da imprensa de outros Estados, os quais eram propositadamente transcritos pelo *Campeão*. Em algumas dessas animadas notícias, vinham destacadas produções deste

ou daquele rapaz, o que dava lugar a uma festa indescritível no seio do *Grêmio* (MORAES, 2000, p. 107, grifo do autor).

Essa fama dos moços do Grêmio, que pertenciam à classe média e baixa, estava causando muita inveja nas famílias antigas da fidalguia de São Luís e dos difamadores, pois não aceitavam que aqueles moços tivessem notório progresso, como relata o desembargador Tomás Brito: “- Vejam o futuro que há de vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições!...” Disse que era preciso reagir, quando se virou para os filhos, percebeu que eles “sentiram o sangue lhes subir às faces” (MORAES, 2000, p. 108).

O Grêmio Gonçalves Dias ganhou popularidade e admiração pelos leitores da época, os rapazes da elite estavam incomodados com a grande repercussão das publicações dos “contos e sonetos, quadras, pensamentos e charadas” (MORAES, 2000, p. 106) do grupo, sendo o velho Bento¹ responsável pela correção das produções. Com esse reconhecimento, os filhos de políticos e sobrinho de desembargador cuidaram logo em fundar o Clube Odorico Mendes, fundando o jornal *O Triunfo*, declarando “guerra aos gremistas e ao Campeão” (MORAES, 2000, p. 107). Não espantado com o que poderia acontecer, o velho Bento fala para Cláudio:

- Estava demorando que este grupo surgisse. Isto aqui é sempre assim: pouco mais ou menos isto que te está acontecendo. Se teu pai fora vivo contar-te-ia coisas de espanto. É preciso não afrouxarem. A luta principia agora. Procura rapazes hábeis e que possam pagar a contribuição do periódico. Gente de sobra! Os que saírem por intriga (que hão de aparecer muitos) não farão falta. Não te incomodes que eu estou aqui (MORAES, 2000, p. 109).

Enquanto na agremiação literária Gonçalves Dias frequentavam os estudantes, as vizinhas, “as visitas das vizinhas, os namorados das vizinhas e das amigas das vizinhas” (MORAES, 2000, p. 105), no Clube Odorico Mendes, faziam-se presentes

¹ Considerado um dos maiores políglotas, um intelectual de estima, que fora afastado da imprensa devido às perseguições políticas. Tendo uma vida miserável, fora amparado por seus antigos alunos e ex-discípulos.

“muitas senhoras e cavalheiros, membros e amigos das famílias a que eles pertenciam” (MORAES, 2000, p. 108). Daí via-se a divisão de classes que constituía aquela sociedade medíocre.

Nascimento, como um descendente de escravo, apresenta sua narrativa e reconhece na voz dos personagens o seu próprio discurso, com o intuito de problematizar a relação entre negros e brancos na sociedade maranhense. Nos trechos acima do romance, torna-se evidente a escritura do “afro-identificado” (DUARTE, 2013), quando a narrativa dos episódios romanescos é construída sob o ponto de vista do escritor negro que, posiciona-se como sujeito que recusa a eugenia, a falsa superioridade do branco, ou seja, nega a supremacia racial do branco em relação ao negro e outros. Nesse sentido, João Olivier e Cláudio são intelectuais negros, que com a educação formal conseguem reconhecimento e ascensão social, que se orgulham de lutar em favor de sua raça, de enfrentar a elite da época e de ultrapassar barreiras.

Enquanto na sociedade havia espaços em que os homens e mulheres negras não eram tão bem acolhidos, é na casa de João da Moda, o lugar onde se encontravam e eram reconhecidos como intelectuais maranhenses. O poeta Neiva, “o príncipe dos vencidos da vida”, (MORAES, 2000. p. 116) apresentou o neófito Cláudio para participar das reuniões. Cláudio fora bem recebido por todos os que se faziam presentes. O poeta lírico, Onésimo Trancoso o recebeu com júbilo: “- Ao Cláudio Olivier, o festejado escritor, descendente em linha reta da sagrada linhagem dos Oliviers, eu, em nome dos vencidos, o cumprimento” (MORAES, 2000. p. 118). Com gritos de alegria, vibrou toda a mesa, numa saudação carregada de entusiasmos.

O dono da casa voltou-se para Cláudio e lhe disse: “nesta casa mora seu humilde criado que lhe fala neste momento desde o tempo do falecido Império. Aqui morei cativo e aqui moro livre, cidadão livre e independente” (MORAES, 2000. p. 118). Novamente os que ali estavam, gritavam triunfantemente. E continuava João da Moda a falar das pessoas que passavam pela sua casa:

- Isto aqui foi sempre um refúgio dos desgraçados, dos perseguidos, dos vencidos da vida! No tempo do defunto Império, os comendadores, os grandes militares, que caíam da graça do homem da governança, vinham chorar suas mágoas aqui, e era com estas ceias, com o meu

parati, com o meu vinho que se consolavam dos desgostos sofridos e curavam e lavavam as feridas que se lhes abriam na alma, nos embates das paixões partidárias (MORAES, 2000, p. 119).

Aquele espaço era frequentado pelos “vencidos da vida”, que “também eram os intelectuais que viviam naquela sociedade cheia de degenerados. E esse ambiente de aparente desordem era o único lugar em que os vencidos se tornavam livres em frente à sociedade que os reprimia e rejeitava” (CARDOSO, 2013, p. 126). Os degenerados eram as pessoas hipócritas e mesquinhas da sociedade ludovicense, que não mediam esforços para ostentar preconceitos e trapacear os menos favorecidos. Era um lugar em que vivenciavam as tradições de um passado vivido pelos frequentadores daquela casa e João da Moda era considerado “a musa inspiradora de todos os degenerados e vencidos da vida que tomam parte neste bródio que há de ficar célebre, distinto e inconfundível na história desta terra, berço de heróis, de literatos, de cientistas, de...” (MORAES, 2000, p. 125) ilustres maranhenses. Um lugar onde não eram rechaçados, onde todos se sentiam à vontade para a produção literária. O Neiva reforça a admiração e o respeito que o povo da redondeza tinha pelos que frequentavam a casa de João da Moda:

Tudo quanto escrevemos, ali se lê e se estima. Arranjam música para os nossos versos e cantam-nos com amor e comoção, dando-lhes acentos profundamente sentimentais, tons dulcíssimos, tocantes expressões que nós nem tivemos quando o produzimos. Tu não imaginas como esses rapazes a que vulgarmente chamam trovadores de esquina, nos interpretam, nos traduzem e nos compreendem (MORAES, 2000, p. 192).

João Olivier sonha com o fim do regime monárquico e acredita que, uma vez ocorrendo o advento da República, brancos e negros teriam os mesmos direitos. Logo se enganou e a desilusão não se escondia em sua face, admite que “os fatos nos têm demonstrado que, se as novas forças não se agitarem no organismo da nossa sociedade, nada teremos feito. Continuaremos indefinidamente neste estado de coisas, à espera de um cataclismo social” (MORAES, 2000, p. 76). Essa ausência de reconhecimento em decorrência da falta de uma sociedade mais justa causa decepção a quem lutara em prol da igualdade de direitos entre os povos. Olivier estava descrente de que houvesse uma

transformação social e aqueles ex-escravos iriam permanecer na mesma condição de subordinados:

- Não duvido que esteja enganado; e prouvera que meu espírito se houvera empanado, quando me convenci de que tudo estava perdido. Acho, porém, que infelicidade minha e sua, eu vi claramente os horizontes da nossa terra. Eu esperava que depois do 13 de Maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de Novembro, com que me alegrei bastante; esperava que houvesse uma renovação social. Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho que não esse que hoje nos infelicitiza (MORAES, 2000, p. 77).

Aparentava que os libertos e os negros não tinham espaço social, continuavam à margem, pois “só se poderia dar semelhante transformação se os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político” (MORAES, 2000, p. 77), Olivier supunha que a educação mudaria aquele “estado de coisas”, mas os republicanos não se preocupavam para que essa transformação ocorresse e a situação daquelas pessoas permanecia a mesma. “O preconceito, o estúpido preconceito afastou os negros das escolas. Maltratados, ridicularizados, insultados, foram a pouco e pouco se retraindo, até se ausentarem quase de todo” (MORAES, 2000, p. 210).

Os abolicionistas esperavam que o fim da escravidão traria vida mais digna aos escravos, que teriam educação e trabalho assalariado. Mas não houvera oportunidades para progredirem. Du Bois (1999) afirma que os escravos saíram da escravidão para entraram em uma falsa liberdade. Os escravos continuavam nas mesmas profissões de carroceiros, sapateiros, caixeiros, etc. “Os necessitados são, na maior parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade” (MORAES, 2000, p. 57). Eram poucos os que conseguiam ter uma pequena ascensão, trabalhando nos periódicos da cidade ou em casa comercial.

Olivier declara que no Maranhão parecia ter espaço para duas classes, apenas: “portugueses comerciantes e descendentes das antigas famílias” (MORAES, 2000, p. 90). E, com isso, os intelectuais, não tinham lugar em sua terra, porque “a administração dos

diversos departamentos públicos está entregue a descendentes de antigas famílias da província. Só a esses descendentes ou a quem a eles se subordina é dado administrar, por completo logro que passam do povo” (MORAES, 2000, p. 203). Os negros não tinham espaço, a sociedade elitista lhes fechava as portas. O preconceito era bem nítido com a população negra.

Mesmo sabendo que existiam “inúmeros homens de merecimento, de incontestável valor. Estes, porém, vivem afastados, vergastados por um desprezo ridículo e mesquinho. Ninguém mais ignora a perseguição política daqui até onde vai. Ou capitula ou morre!...” (MORAES, 2000, p. 65). Olivier sente isso na pele, pois é obrigado a sair do seu estado em busca de trabalho e respeito, e conseqüentemente, reconhecimento, o que até então não obtinha em seu lugar.

Os pobres, os desprotegidos que confiam no futuro, experimentando as suas forças, batidas, vergastadas, pelos patrícios, que os cobrem de chufas e impropérios, por não terem eles uma recomendação que venha dos ominosos tempos, à força de inúmeros sacrifícios, conseguem fugir para outro Estado, onde o futuro se lhes apresenta mais fácil e encontram a satisfação de seus ideais realizado. Quase todos os nossos homens de letras daqui saíram fustigados pela má vontade dos cruéis e dinheirudos mandões, que não perdoam a um indivíduo obscuro o crime de querer focalizar-se. O sul está repleto de maranhenses ilustres, a Amazônia é um viveiro deles (MORAES, 2000, p. 206).

Foi o caso, também, de Cláudio, que precisou sair de São Luís para ser reconhecido e valorizado. O que existia na capital do Maranhão era um descrédito e o um desprezo às pessoas que não pertenciam às classes citadas acima, como confessa o professor Bento:

A terrível e esmagadora opressão moral-social, que a mais e mais se estreita nesta terra destruindo energias, aniquilando vontades, esfacelando músculos, ainda não pôde vencer no ânimo dos seus bons filhos a nobre altivez de princípios que professam, hauridos nos livros dos mestres, feitos do saber que razão e experiências alicerçaram. A crise, ou melhor, esta tenebrosa fase que o Estado atravessa, fase de decadência moral, intelectual e material, ainda não subjugou o pensar daqueles nem a influência perversa e perniciososa de seu espaço desanimador e enervante, foi até os dias presentes, de tal sorte, que os arrastasse a concluir, como muitos: - que não há mais salvação para esta

infeliz terra que é nosso berço, maior padrão de glória inatingível e imorredoura, nosso mesquinho presente, e que será, se o quisermos, se trabalharmos, se soubermos querer, nosso futuro feliz e olímpico (MORAES, 2000, p. 79).

A arbitrariedade dos que detinham o poder não permitia o progresso das pessoas que vinham das camadas populares, principalmente os negros, mestiços e escravos, pois o “torrão natalício, protegido, em grande parte, por uma natureza ubérrima sem parar, num desfiladeiro rápido, retrógrada, ultrapassa em decadência as raiais do seu antigo estágio de desenvolvimento” (MORAES, 2000, p. 80). O velho Bento critica as antigas práticas e afirma que hábitos como esses não eram para ser aplicados na República, e diz ser evidente a indiferença dos homens do governo pelas pessoas negras, pois “o governo está peiado e a peia do preconceito é a pior de todas” (MORAES, 2000, p. 89).

Maranhenses ilustres, conhecedores de sua terra, do seu passado e do seu presente, sentem o estado mórbido dela, de vêem claramente o erro nunca visto por muita gente e, se a indignação se manifesta em suas palavras e em seus escritos, é porque sentem também o indiferentismo esmagador dos homens da governança, pelos óbices que entravam as forças ativas de toda a coletividade, e o desprezo que lhe votam, igual ao cuidado que egoisticamente se dispensam e aos amigos da grei, beneficiando-os! (MORAES, 2000, p. 80).

O que existia era o “apadrinhamento” político entre a governança e os que dependiam de alguma forma de favores de parentes e conhecidos que estavam ligados ao poder. Havia um beneficiamento por parte dos que ficavam do lado da situação, dando-lhes cargos e empregos. Podemos observar que no início do século XX, quando Nascimento Moraes escreve este romance, ele já previa o que estava por vir, através dessa prática de “apadrinhamento”, ainda peculiar à nossa sociedade atual. Em conversa com Cláudio, Olivier descreve: “O governo não pode agir contra a companhia A, porque o seu gerente, o Senhor B, é compadre do primo do Doutor C, que é um dos chefes militantes no partido situacionista”. E continua: “Não pode contra a companhia D, porque é um dos seus diretores, o Senhor E, que é sobrinho do coronel F, que é compadre do Doutor G, que é presidente do Congresso, ou o administrador do mercado” (MORAES, 2000, p. 89).

Os que tinham vez eram esses sujeitos, que conseguiam seus empregos através de conchavos políticos, enquanto pobres, negros e intelectuais, como é o caso de Olivier, continuavam excluídos:

Olivier era um desses abnegados. A perseguição de que era vítima, em parte ocasionada por essa imprensa a quem ele servia por amor à arte, apresentou-se furiosa e insolente na casa comercial onde ele era empregado; impôs-se, por fim, ao patrão, e o desditoso guarda-livros começou a sentir o fel da indiferença que, contra a vontade, lhe dava a provar o seu velho e leal amigo de tantos anos (MORAES, 2000, p. 98).

Olivier passava por dificuldades financeiras devido às perseguições sofridas por ele naquela sociedade. Ele contava que seu pai, Francisco Olivier, também fora muito perseguido pela família de sua mãe, devido à cor de sua pele. Ele “era mulato de Alcântara”² casa-se com Dona Rita, “uma moça de pura linhagem” (MOARES, 2000, p. 93), que “descendia de uma das mais orgulhosas e ricas famílias de Alcântara” (MOARES, 2000, p. 92), mas os pais da senhora não queriam o casamento. “Gritavam, possessos, os brancos: - Petulante! Atrevido moleque que tanto te ambicionas!” e “bradavam os mulatos: - Jactância nunca sonhada! Pensar ela em tamanha distinção!” (MOARES, 2000, p. 93).

Olivier fala dos preconceitos enfrentados por Cláudio e a justificativa de perseguição é “a prevenção que há nesta terra contra todo rapaz que não descende das antigas famílias dos ominosos tempos”. E continua Olivier “a minha sombra é quem faz que os perseguidores guardem do pequeno respeitável distância. Outros há que são aberta e francamente fustigados...” (MORAES, 2000, p. 88). As perseguições a Cláudio só cresciam, por ser negro, pobre e também, por envolver-se com Armênia, “descendente de uma rica família, a do coronel Magalhães, [...] era um velho de índole caprichosa, que ia até à malvadez e à perversidade” (MORAES, 2000, p. 132). A família de Armênia, mesmo falida, não queria que ela se envolvesse com um “pobre, paupérrimo”, assim

² Alcântara era uma das cidades mais ricas da província do Maranhão. Passado esse período de ápice da economia, houve um declínio socioeconômico no final do século XIX. Com isso, “os cabedais que possuíam os pais da branca e os que possuíam os pais do mulato, enfrentavam-lhes em valor e nivelaram-lhes as qualidades” (MORAES, 2000, p. 93).

classificaram Cláudio, pois “o orgulho ofendido dos respeitáveis pais de família não podia suportar tão grande desaforo, tamanha desfeita” (MORES, 2000, p. 142).

Esse relacionamento mancharia o nome da família Magalhães para sempre na sociedade maranhense, pois Armênia juntando-se com um filho de ex-escravos, “um carafuz desrespeitador e audaz” (MORAES, 2000, p. 142), assim Cláudio era rotulado pela sociedade, iria desonrar a imagem de sua “raça”. Tentaram matar o carafuz, assim como o alcunhavam, “por causa da obscuridade de seu nome, da pequenez de sua posição” (MORAES, 2000, p. 145), mas a tentativa foi infeliz, foi salvo pelo pai, Domingos Aranha.

O preconceito racial é descrito em vários momentos no romance que, pela cor de pele e situação econômica são designados às mais vexatórias situações. Zé Catraia, um homem que ninguém dá importância à sua figura, ele sabe de tudo que acontece. Conhece todos os problemas que se passam naquele ambiente intolerante e discriminador. Em conversa com Cláudio, Zé Catraia conta a humilhação e o desrespeito que sofreu por causa do português Machado:

- Ontem à tarde o Machado mandou prender-me.
- O Machado?
- O Machado. Ele tinha razão e não tinha... Eu lhe conto a coisa porque sei que ele é seu protetor... Ele subia a Rua de São Pantaleão de braço com uma senhora. Eu descia, arrimado numa camoeira furibunda. As janelas estavam repletas de moças... Eu, por um ímpeto involuntário, acostumado naquele bom tempo da Travessa do Precipício (o senhor não conhece essa época, mas pergunte a sua mãe) eu gritei: Oh Paletó Queimado? Como vais tu, português? Repare bem, Sr. Cláudio: como vais tu, português?
- Prenda este homem! - gritou ele. – Prenda este homem! – repetiu para um soldado que passava.
- O marinheiro ficou roxo de raiva. A senhora dele estava pálida no meio da rua. Eu não articulei palavra... Um caboclinho de São Bento, o tal capitão Cruz, que tem quitanda no canto com a Rua de Santana, possesso, furioso, passeando na calçada, arregaçando as mangas de camisa:
- É um absurdo! Isto é uma coisa horrível! Este homem é um perigo, não respeita a família de ninguém.
- As moças batiam a cabeça em sinal de assentimento, os vagabundos que passavam, concordavam que eu era um safado! O soldado pegou-me pelo cós, deu-me dois sacalões como faz o menino ao papagaio, e lá me levou para o *São João*. O Machado me fez essa! Meu amigo de anos

sem conta! Ofendi-o, porventura? Todo mundo não sabe que ele é o *Paletó Queimado*? (MORAES, 2000, p. 149-150, grifo do autor).

A arrogância de quem enriqueceu por meio ilícito toma conta do Paletó Queimado, de quitandeiro passou a ser um dos diretores do Banco Comercial. Após exercer tal cargo pensava ter poder suficiente para rebaixar os negros e pobres que encontrava na rua. O preconceito social do Machado chegara, também, à família Olivier, família esta por quem Machado tivera grande afeição. A amizade entre o português e João Olivier se iniciara depois do brilhante discurso que o cronista fizera no dia da Abolição da escravatura. Assim, ele sempre ajudou os Oliviers, mesmo depois da morte de João. Cláudio frequentava sua casa e sempre foi muito bem acolhido, mas essa amizade foi cessada devido à conduta de Cláudio na sociedade e Machado não estava de acordo, vendo que tais atitudes iriam colocar em risco a sua reputação social. Machado não aceitava que Cláudio, “um moço pobre” afrontasse “uma sociedade inteira, com uma amante! Dupla afronta, até porque a tal Armênia era uma moça de família”. Pensava Machado que “ele a mais e mais se desmoralizava, e nessa desmoralização arrastava o seu próprio nome, dele Machado” (MORAES, 2000, p. 238).

Continuou Machado a minimizar a imagem de Cláudio, desvalorizando o seu trabalho com a escrita: “- E essa história de sociedades literárias? E esse jornaleco que sai de vez em quando? É outra coisa com que o senhor deve acabar. Pessoas que muito merecem têm-me dito horrores do senhor” (MORAES, 2000, p. 238). Foi a partir das opiniões que escutava de outrem, que Machado pensava que, continuando uma amizade com Cláudio, desonraria seu status social. “Machado não presta, é uma vasilha ordinária [...] Ele é capaz de ir ordenar aos quitandeiros que não te dêem mais escrita” (MORAES, 2000, p. 242), diz o Pereira Coelho a Cláudio.

Todos já conheciam a índole de Machado, sabiam que ele era capaz de tudo para manter uma “boa” imagem perante a sociedade. Observa-se na figura do personagem Machado, “um misto de velhacaria e esperteza” (MORAES, 2000, p. 242). Ele tinha a alma de um português, sendo que “os portugueses não trouxeram luzes; ao contrário, nutriram as populações com as suas crendices grosseiras e superstições deprimentes, como se não bastassem as que seus antepassados aqui deixaram e os dos infelizes e

desgraçados negros escravos” (MORAES, 2000, p. 203). Os portugueses impunham sua cultura aos colonizados, pretendendo que os mesmos incorporassem a linguagem e a cultura do colonizador. (FANON, 2008).

Outro de semelhante caráter ao de João Machado é o major Rodrigues, que era alfaiate e com uns cobres que arranjou tirou a patente de major. Comprou uma casa e logo fechou a oficina. “Aclamou-se capitalista, criou pança e encorajou-se numa soberba insuportável” (MORAES, 2000, p. 187). Foi eleito a um cargo qualquer do município e “deixou de cumprimentar a gente e, para limpar-se, passou a usar de uma frase que lhe é muito peculiar, espalha aos quatro ventos que só casará as filhas com portugueses ricos, ou homens formados!” (MORAES, 2000, p. 187). Esses são apenas os atributos gerais, os específicos são muitos que se torna impertinente enfatizar. É como afirmava Olivier, em uma de suas crônicas, que “três defeitos há nesta terra, que dão origem a todos os seus males 1º preto querer ser branco – 2º burro querer ser sábio – 3º pobre querer ser rico” (MORAES, 2000, p. 188). Essa afirmação de Olivier lembra Fanon quando declarava que o negro não queria ser reconhecido como negro, e sim como branco, um “desejo repentino de ser branco” (FANON, 2008, p. 69), pois “quanto mais assimila os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34). Hoje, podemos afirmar que houve uma mudança significativa nesse paradigma. O negro se autorreconhece e afirma a sua identidade afrodescendente, combatendo preconceitos raciais e diminuindo a discriminação.

E assim se perpetuara os mais vis preconceitos da sociedade, porque “em nossa terra, como nas outras, infelizmente os Rodrigues são muitos. [...] Rodrigues de toda espécie, pertencendo a todas as classes” (MORAES, 2000, p. 188).

E no entanto, se não fosse o preconceito asfixiante que infelizmente domina em toda a sociedade, se não fosse o ressentimento inapagável que lhe pegou na alma a memória dos tempos passados; o renovo do sangue pelo cruzamento, fortificando a geração, daria em resultado uma auspiciosa colheita de homens fortes, de uma organização incontestavelmente superior (MORAES, 2000, p. 206).

Os personagens afrodescendentes carregam os preconceitos vindos da época da escravidão e da pós-escravidão. Eles eram abnegados e perseguidos por uma sociedade branca, hipócrita, discriminatória e que ainda o marginaliza. No romance, os personagens são vistos com a ausência de estereótipos, favorecendo a construção de identidades em *Vencidos e degenerados*.

Palavras finais

Podemos perceber, que a obra apresenta memórias do período da escravidão e pós-escravidão, reconhecendo a história, a importância do negro no desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil, a partir de seus personagens abolicionistas, que eram engajados com a abolição da escravatura e preocupados com o destino dos libertos, que estavam sempre reivindicando os direitos dos negros a favor de uma sociedade justa e igualitária. Os episódios narrados registram os fatos da história da escravidão, o discurso reivindicatório assumido pelo narrador ao tratar da crônica, da vida cotidiana de São Luís entre 1888 às primeiras décadas do século XX, denunciando mazelas, preconceitos, racismos da sociedade de então.

A efervescência das pessoas que estavam envolvidas com a nobre causa da Abolição da escravatura permitiu um lugar de trânsito, onde o entrar e sair, a agitação e a movimentação dos transeuntes giram em torno da espera da grande notícia que libertaria os escravos.

Com o grande preconceito de que os afrodescendentes eram vítimas pela elite maranhense, em alguns espaços não eram aceitos, ou se aceitos, eram rechaçados, discriminados, principalmente, devido à cor de sua pele e sua posição social. Mas havia lugares em que eram valorizados e respeitados, como na casa de João da Moda, um espaço em que os intelectuais maranhenses se reuniam para falar de literatura e dos problemas que afligiam a sociedade.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato. *Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”*: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República (2013). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: FERREIRA, Elio; FILHO, Feliciano José Bezerra (Orgs). *Literatura, história e cultura afro-brasileira e africana*. Teresina: Editora da UFPI, 2013.

DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Trad. Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANCIAU, Nubia Jacques. O Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2010.

MORAES, José do Nascimento. *Vencidos e Degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

SANTOS, Maria Rita. Nascimento Moraes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica- Precursores*. v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SARNEY, José. Vencidos e degenerados. In: MORAES, José do Nascimento. *Vencidos e degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

SOUZA, Elio Ferreira de. *Poesia negra das Américas*: Solano Trindade e Langston Hughes. 2006. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.